

# O SEGREDO DO MEU FILHO

## Coleção **MODELOS DE VIRTUDE**

---

- *O Francisco que está em você*, Wilson João Sperandio
- *Madre Teresa: uma santa para os ateus e para os casados*, Raniero Cantalamessa
- *Um santo surfista: o servo de Deus Guido Shäffer*, Ricardo Figueiredo
- *Não eu, mas Deus: biografia espiritual de Carlo Acutis*, Ricardo Figueiredo
- *Nunca foi tão fácil ganhar o céu: biografia espiritual de São José Sánchez del Río*, Ricardo Figueiredo
- *O segredo do meu filho: por que Carlo Acutis é considerado santo*, Antonia Salzano Acutis; Paolo Rodari

Antonia Salzano Acutis  
com  
Paolo Rodari

# O SEGREDO DO MEU FILHO

Por que Carlo Acutis  
é considerado santo

Tradução  
Pe. José Bortolini



*Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.*

Original title: IL SEGRETO DI MIO FIGLIO. Perché Carlo Acutis è considerato un santo.

by Antonia Salzano Acutis and Paolo Rodari

© 2021 by Piemme, imprint of MONDADORI LIBRI S.P.A, Milano

Rights negotiated through Ute Körner Literary Agent

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Acutis, Antonia Salzano.

O segredo do meu filho: por que Carlo Acutis é considerado santo / Antonia Salzano Acutis, Paolo Rodari; tradução de Pe. José Bortolini. - São Paulo: Paulus, 2022. Coleção Modelos de virtude.

ISBN 978-65-5562-545-5

Título original: Il segreto di mio figlio. Perché Carlo Acutis è considerato un santo.

1. Acutis, Carlo. 1991-2019 - Biografia 2. Beatificação I. Título II. Rodari, Paolo III. Bortolini, José

22-1430

CDD 922.2

CDU 929

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Acutis, Carlo. 1991-2019 - Biografia

Direção editorial:

*Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação de arte:

*Daniilo Alves Lima*

Coordenação de revisão:

*Tiago José Risi Leme*

Preparação do original:

*Caio Pereira*

Projeto gráfico:

*Karine Pereira dos Santos*

Impressão e acabamento:

PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

**paulus.com.br/cadastro**

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

---

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-545-5

*Dedico este livro a meu filho Carlo: possa realizar-se seu sonho de que toda a Igreja universal, sob a guia materna de Maria Santíssima, viva com sempre mais fervor e convicção estas palavras: “A Eucaristia indica que a Igreja e o futuro do gênero humano estão ligados a Cristo, única rocha verdadeiramente duradoura, e não a alguma outra realidade. Por isso, a vitória de Cristo é o povo cristão que crê, celebra e vive o mistério eucarístico”*  
(*Lineamenta da XI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, 2005*).



## “Daqui eu não saio vivo, prepara-te”

---

**S**etembro de 2006. Depois de algumas semanas passadas primeiramente em Santa Margherita Ligure, e depois em Assis, para onde íamos vários meses por ano, estávamos chegando ao fim de nossas férias. Meu filho Carlo, como fazia todos os anos, antes de partir, foi ao túmulo de São Francisco para recomendar-se e pedir sua proteção para o novo ano escolar. Ficou muito mal porque não o deixaram entrar. Haviam fechado a basílica antecipadamente, mas rezou da mesma forma do lado de fora. Milão nos recebeu com seu habitual fervilhar. As estradas já estavam repletas de gente atarefada com mil preocupações. Para a frente e para trás. O trabalho diário não tardara recomeçar após a parada de agosto.

Carlo adorava recomeçar. Tinha quinze anos. E como sempre, viveu os primeiros dias do mês de setembro sem qualquer saudade especial do verão que ia chegando ao fim; antes, com grande expectativa. Queria rever os amigos, os colegas de escola, os professores. Desejava entrar novamente no jogo. Expectativa, esta era uma das palavras que, mais que as outras, melhor o descreviam. Postura de quem sabe que a qualquer momento pode acontecer algo, pode haver um acontecimento.

Entrando em casa, com a correspondência encontramos um livro enviado por um amigo editor e dedicado aos santos jovens. Carlo quis ler o livro imediatamente. Tomando-o nas mãos, me disse: “Gostaria muito de fazer uma mostra dedicada a essas figuras”.

As mostras eram uma paixão dele. Havia criado várias, especialmente uma muito apreciada no mundo inteiro. Era dedicada aos milagres eucarísticos. Ele as criava no computador e a seguir deixava que fizessem sua caminhada, fossem solicitadas também longe de Milão, rodando pelo globo. Criar mostras era sua estratégia para satisfazer seu grande desejo de anunciar a todos “a Boa-nova”. Era animado por desejo não suprimível de trazer continuamente à luz a beleza dos conteúdos da fé cristã, de ser propositivo no bem em todas as circunstâncias da vida, de manter-se sempre fiel àquele projeto único e irrepetível que Deus, desde a eternidade, pensou para cada um de nós. “Todos nascem originais, mas muitos morrem como fotocópias” é, não por acaso, uma dentre suas frases mais conhecidas.

Aquele livro o tocou de modo especial. Eram contadas histórias de heroísmo, vidas de jovens despedaçadas em tenra idade e, ao mesmo tempo, oferecidas. Vinha à tona principalmente a fé desses jovens, seu saber acreditar, apesar das dificuldades, numa positividade de fundo, num Deus que, embora permita sofrimentos e contradições, nos ama infinitamente e jamais nos abandona. Muitas vezes, a vida lhes presenteara fadigas e dores, mas, em seu coração, haviam conseguido permanecer alegres e encontrar caminhos de luz.

Essa mensagem fascinava Carlo. Nisso ele se identificava. Entre outras coisas, lembro que, justamente naqueles dias, quisera estar perto de forma especial

de uma colega de escola que adoecera. Os pais estavam muito preocupados porque inicialmente não sabiam do que se tratava. A suspeita era leucemia. Carlo lhe telefonou muitas vezes durante o verão. Dizia-lhe para entregar-se ao Senhor, ao mesmo tempo ficar calma. No fim, por sorte, a doença revelou ser uma simples mononucleose. “O Senhor te quer ainda aqui”, comentou, em tom de brincadeira, falando com ela por telefone.

Também meu filho, durante aquelas semanas, não estava cem por cento. Sentia leves dores nos ossos. Tinha pequenos hematomas nas pernas. Todavia, nada que nos fizesse suspeitar de algo grave. Praticava muito esporte, e nós pensávamos que os incômodos vinham daí. De resto, ele próprio tendia a minimizar. Assim, não nos preocupamos além do normal.

As aulas começaram na metade de setembro. Foram dias que recorro como especialmente luminosos. Milão estava ainda em pleno verão. O outono parecia não querer chegar. As tardes eram ensolaradas, gostávamos de conceder-nos longos passeios no parque Sempione. Iniciávamos o ano letivo com senso de despreocupação. Meus sentimentos, de modo especial, eram de alegria e serenidade. Tudo poderia eu ter imaginado que pudesse acontecer comigo, acontecer conosco, verdadeiramente tudo, exceto aquela tempestade que veio, inesperada e violenta, transtornar nossa vida, atropelando-nos como repentino temporal de verão. Autêntico raio num céu de brigadeiro.

O último dia de aula de Carlo foi 30 de setembro, sábado. Quando saiu, nunca teria imaginado que não mais retornaria. No entanto, as coisas caminharam nessa direção. Frequentava o liceu clássico no Instituto

Leão XIII, dirigido pelos padres jesuítas. Chegou da escola cansado. Tivera uma hora de educação física, e o professor o fizera, correndo, principalmente, dar voltas ao redor do grande campo de futebol. Achamos que tinham sido essas voltas que o cansaram. De qualquer modo, na parte da tarde, encontrou forças para sair de casa comigo para levar Briciola, Stellina, Chiara e Pol-do, nossos amados quatro cães, ao parque para passear.

Na manhã seguinte, junto com meu marido e minha mãe, decidimos comer fora. Haviam-nos sugerido uma *trattoria* perto de Venegono, lugar onde a diocese de Milão encaminha seus futuros sacerdotes para estudar. Quando Carlo desceu à cozinha para o café da manhã, percebi que, no olho direito, dentro da parte branca, havia uma pequena mancha vermelha. Parecia um simples golpe de frio. Também nesse caso não me preocupei mais que o normal.

Antes de partir para Venegono, fomos à missa. No fim da celebração, Carlo quis rezar conosco a *Súplica a Nossa Senhora de Pompeia*, oração à qual era especialmente devoto. Já conhecíamos bem nosso filho. Desde pequeno vivia estreita relação com a Virgem Maria. Falava disso frequentemente. Sempre rezava a ela e nos convidava a fazê-lo. Nós o acompanhamos. Há alguns anos, meu marido e eu nos reaproximamos da fé. Nós a redescobrimos graças a Carlo. Foi ele quem nos levou para perto do Senhor. Em minha vida, antes desse acontecimento, eu tinha ido à missa três vezes: no dia do meu batismo, no dia da primeira comunhão e no dia do casamento. E assim, de fato, também meu marido, embora diferentemente de mim, tendo os pais mais praticantes, de vez em quando frequentava a igreja. Não éramos contrários à fé. Simplesmente

nos acostumamos a viver sem. Éramos como muitas pessoas ao nosso redor, preenchíamos o dia com tantas atividades, mas não conhecíamos até o fundo o sentido, o significado. Sêneca sintetiza bem esse modo de impostar a existência: “Grande parte da vida nos escapa no fazer o mal, a maior parte em nada fazer, inteiramente em fazer outra coisa diferente do que deveríamos” (*Cartas a Lucílio*, I,1,1).

A chegada de Carlo em nossa vida, nesse sentido, foi como profecia, um convite a olhar sob outro ângulo, a ser diferentes, a ir à profundidade.

Depois da missa entramos no carro. Chegamos a Venegono, onde comemos ao ar livre. Estavam conosco Briciola, Stellina, Chiara e Poldo. Depois do almoço, passeamos nos bosques ao redor e recolhemos castanhas. Enchemos uma sacola. Entre os ramos das árvores, infiltrava-se um pouco de luz solar que tornava toda a atmosfera quase como um conto de fadas. Havíamos soltado os cachorros e lembro que iam para a frente e para trás, des preocupados, entre os arbustos. De vez em quando, Carlo atirava-lhes pedaços de pau e se divertia fazendo-os trazer de volta. Sorria. Estava feliz. Daquele dia conservo belíssima lembrança. Luz e serenidade são os sentimentos que mais retornam à minha mente. Voltando para casa, à noitinha, Carlo teve febre, chegando a 38°. Dei-lhe um antitérmico. E decidi que, no dia seguinte, não iria à escola.

Segunda-feira, 2 de outubro. Telefonei à pediatra, perguntando-lhe se podia fazer uma visita a Carlo. Ela chegou rápido e percebeu somente que ele tinha a garganta um pouco avermelhada. Prescreveu-lhe um simples antibiótico e partiu. Eu ainda não estava

preocupada. De fato, havia chegado a notícia de que metade da classe estava com gripe. Pensei que também Carlo tivesse o mesmo mal.

Meu filho transcorreu o resto do dia tranquilo. Recitou o rosário comigo, como me pedia frequentemente que eu fizesse. Era coisa natural para ele, interromper a atividade do dia para rezar. A relação com Deus era contínua, incessante, fazia tudo pensando no Senhor, referindo-se a ele. As orações eram uma ajuda, assim dizia, para retomar as energias e recomeçar com mais força e serenidade as ocupações de todos os dias. Fez as tarefas e trabalhou um pouco no computador, para as suas mostras. A febre não o deixava, mas, de algum modo, conseguia ser ativo e presente.

Reunimo-nos todos juntos para fazer-lhe companhia enquanto ele jantava no quarto, por causa da febre. De repente, declarou: “Ofereço meus sofrimentos pelo papa, pela Igreja, para não ir ao purgatório e chegar diretamente ao paraíso”.

À primeira vista, pensamos que estivesse caçoando de nós. Carlo era sempre alegre e jocoso. Acreditávamos que quisesse brincar e não demos importância especial a essas palavras que parecia ter pronunciado propositalmente para fazer-nos rir um pouco. A febre, por outro lado, se não dava sinais de diminuição, não piorava. Outras vezes Carlo, desde pequeno, tivera episódios de dor de garganta. E sempre passava uma semana ou mais para recuperar-se totalmente. Também por isso continuávamos despreocupados.

Quarta-feira, 4 de outubro. Devia ser apresentado a toda a escola o site que Carlo fizera durante o verão, a fim de ajudar as obras de voluntariado dos jesuítas

em prol dos necessitados. Pediram a Carlo que o fizesse, porque tinha familiaridade com computador e os programas de computador complexos, e também porque, sendo jovem, pensavam que, com o seu envolvimento, outros jovens o teriam seguido com maior prazer, imitando-o em dar o próprio tempo livre gratuitamente em benefício dos outros. Os jesuítas me disseram que, quando aconteceram as reuniões da comissão do voluntariado, composta por alguns pais da escola, todos ficaram muito impressionados com a vivacidade de exposição do meu filho, com a paixão que o animava e com sua inventividade. As mães estavam literalmente fascinadas com o modo de proceder e pelas capacidades de liderança de Carlo, com seu estilo tão gentil e ao mesmo tempo vivo e eficiente.

Carlo já investia muitas das suas energias para os necessitados. Fazia isso diariamente, quer em momentos pré-estabelecidos, quer quando as circunstâncias permitiam. Para ele, eram ações naturais, descontadas. Amava muito o exemplo dos santos que se haviam dedicado aos esquecidos. Transcrevera para si algumas frases de Madre Teresa de Calcutá que muito lhe agradavam: “Muitos falam dos pobres, mas poucos falam com os pobres... Não busqueis Jesus em terras distantes: ele não está lá. Está próximo de vós. Está convosco! [...] Se tiverdes olhos de ver, encontrareis Calcutá em todo o mundo. As estradas de Calcutá conduzem à porta de cada homem. Sei que talvez desejáreis fazer uma viagem a Calcutá, mas é mais fácil amar as pessoas distantes. Não é sempre fácil amar as pessoas que vivem perto de nós”.

Decidiram apresentar o site sobre o voluntariado mesmo sem Carlo. No começo da tarde,

telefonaram-lhe e disseram-lhe que todos gostaram. A apresentação havia sido um sucesso. Carlo estava radiante, além de envaidecido. Fazer as coisas pelos outros, e fazê-las bem, era para ele motivo de alegria.

Saí e comprei doces de chocolate para a festa de São Francisco. Eu fazia isso todos os anos. Carlo era guloso. Também nesse dia comeu vários e com vontade. Estava ainda um tanto cansado, mas, como sempre, sorria e procurava fazer entender que tudo corria bem.

Quinta-feira, 5 de outubro. Meu filho acordou com as parótidas levemente inchadas. Chamei novamente a médica. Veio visitá-lo mais uma vez e disse que ele provavelmente tinha uma parotidite. Aconselhou-nos a continuar com a terapia que estávamos seguindo, e assim fizemos.

No dia seguinte, porém, outra surpresa. Carlo apresentava hematúria. Então a pediatra nos fez levar a coleta de urina para análise num laboratório clínico perto de casa. A análise foi confortadora: parecia mesmo que não havia nada grave.

Quando meu filho tinha dor de garganta e a temperatura subia, ele costumava sofrer episódios de *pavor nocturnus*, “perturbação” não patológica do sono, frequente, sobretudo, em crianças e adolescentes, que provoca insônia e pesadelos. Por isso eu preferia passar as noites com ele quando ele estava mal. Dormia num colchão no chão, ao lado da cama. Lembro que, na noite entre 3 e 4 de outubro, sonhei que me encontrava numa igreja. Estava presente São Francisco de Assis. Mais acima, no teto, vi o vulto do meu filho, um rosto muito grande. São Francisco olhou para ele

e me disse que Carlo se tornaria muito importante na Igreja. Em seguida, acordei.

Pensei nesse sonho toda a manhã. Acreditei que fosse uma pequena profecia acerca do fato de que meu filho tornar-se-ia sacerdote. De fato, várias vezes partilhou comigo esse seu desejo. E me convenci de que o sonho estava ligado a isso.

Na noite seguinte, dormi com ele. Antes de adormecer, recitei um rosário. Sonolenta, ouvi uma voz que disse nitidamente estas palavras: “Carlo vai morrer”.

Achei que não era uma voz que vinha do bem. Talvez fosse um pensamento mau que não devia ser considerado. Por isso, não lhe dei importância.

Sábado, 7 de outubro. Carlo acordou cedo. Queria ir ao banheiro, mas deu-se conta de que não conseguia se mover. Não podia levantar-se da cama. Não tinha forças. Estava acometido de importante forma de astenia. Chamou-me para que eu o ajudasse. Com muita fadiga, com meu marido, conseguimos levá-lo ao banheiro.

Ficamos muitíssimo alarmados. Decidimos chamar o antigo pediatra do nosso filho, um conhecido professor de Milão, já aposentado, em quem confiávamos cegamente. Disse-nos para levar Carlo imediatamente à clínica De Marchi, onde ele havia atuado por muitos anos. Foi muito gentil conosco. Antes que chegássemos à clínica, alertou os médicos. E, em particular, avisou o médico especializado em hematologia pediátrica: devia investigar imediatamente e procurar entender o que estava acontecendo.

Foi difícil transportar Carlo ao hospital. Rajesh, nosso empregado, havia tirado um dia de folga.